

OS ESPELHOS DA INCOMPLETUDE DOCENTE: SUPERANDO OS DESAFIOS DOS REFLEXOS DE INCOMPREENSÕES NOS REGISTROS DAS AVALIAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE MIRRORS OF TEACHING INCOMPLETENESS: OVERCOMING THE CHALLENGES OF REFLECTIONS OF INCOMPREHENSIONS IN THE RECORDS OF EVALUATIONS IN CHILD EDUCATION

Karen Costa Vasconcelos Justo **1**

Resumo: Este texto trata de uma narrativa de práticas docentes, objetivando uma reflexão acerca dos processos de registros para acompanhamento das aprendizagens das crianças, para e com seus familiares, envolvendo-os nas relações de observação e escuta dos interesses e hipóteses das crianças em suas investigações e desejos. Discute as incompreensões docentes, ressaltando a urgência de se compreender o tempo das crianças em suas infâncias, endossadas por Kohan (2004). A sustentação teórica deste relato acerca da rotina, cotidiano e registro na Educação Infantil, contou com as contribuições de autores como Barbosa (2000), Augusto (2013), Formozinho (2007), Staccioli (2018) e Margaret Carr (2012). O estudo consolidou a compreensão de que a singularidade da cotidianidade experienciada e não apenas vivida pelas crianças, enquanto jornada pedagógica, é um caminho para que sejam percebidas as especificidades das infâncias plurais, evidenciando a urgência de mais qualidade nas formações continuadas.

Palavras-chave: Narrativas de Aprendizagens. Registros. Infâncias.

Abstract: This text deals with a narrative of teaching practices, aiming at a reflection about the registration processes for monitoring the children's learning, for and with their families, involving them in the relationships of observation and listening to the interests and hypotheses of the children in their investigations and desires. It discusses teaching misunderstandings, emphasizing the urgency of understanding the time of children in their childhoods, endorsed by Kohan (2004). The theoretical support of this report, about the routine, daily life and registration in Early Childhood Education, counted on the contributions of authors such as Barbosa (2000), Augusto (2013), Formozinho (2007), Staccioli (2018) and Margaret Carr (2012). The study consolidated the understanding that the uniqueness of everyday life experienced and not just lived by children, as a pedagogical journey, is a way for the specificities of plural childhoods to be perceived, highlighting the urgency for more quality in continuing education.

Keywords: Learning Narratives. Records. Plural Childhoods.

Percurso inicial: espelhos quebrados

É que quando eu cheguei por aqui

Eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas

Sampa - Caetano Veloso

Sempre havia imaginado as crianças bem pequenas como em um processo de ninhada. Me encantava tanto a delicadeza da urdidura dos galhos e gravetos trançados para segurança e abrigo dos pássaros, quanto a gentileza do cuidado durante o processo de chocar seus ovos, até ver o belo alçar do voo de sua ninhada. E eu acreditava que esse deveria ser como o processo de observação, registro e documentação pedagógica, como a narrativa processual do nascer de um belo pássaro.

Era assim que eu, na imaturidade sonhadora de recém graduada, me percebia. Eu era apaixonada pelas “coisas miúdas” que tão bem descrevia Manoel de Barros. Era bem nova, recém-formada, tinha sonhos e ideais de militância pelas infâncias bem asseverados. Eu acreditava nos processos acima dos resultados.

Enfim, quase no meio de um semestre em andamento surge uma vaga para professor, e eu assumiria minha tão sonhada docência, embora com a jornada anual já iniciada. A princípio, eu estava feliz, tinha acabado de ser lotada em uma escola, mas eu ainda não conhecia bem as crianças, pior, elas pouco sabiam quem eu era.

De repente, fui atravessada pela canção “Sampa”, de Caetano Veloso, e é sobre meu encontro com ela, que tecerei a narrativa da partilha do meu texto, *Os espelhos da incompletude docente*, “é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi”, exatamente pela exigência de um relatório sobre as “aprendizagens” das crianças. Minha alma, angustiada, poetizava Caetano novamente: “da dura poesia concreta de tuas esquinas”. Aprendizagens? Como assim aprendizagens? Quem eram aquelas crianças? Que marcas traziam em suas pequeninas e profundas mochilinhas de vida? Nem nos conhecíamos, éramos enxertos no ninho que eu sonhava ver existir ali.

Silenciada pelos mesmos vazios, embranquecidos de páginas inertes, para uma escrita de relatórios individuais, sobre cada estranho que ainda aprenderia a conhecer, alguém, compadecido da minha aflição tenta “iluminar” meus registros:

- “Faz uma introdução com todas as crianças juntas, escreve que elas empilham, correm, brincam de massinha e gostam de água, fala do jardim e quintal e só tem que mudar os nomes das crianças, pois os pais nem leem os relatórios da gente mesmo!”.

Sorri discretamente, absurdamente chocada, tranquei-me na minha sala e chorei. Nunca Caetano gritou tanto dentro de mim: “da deselegância discreta de tuas meninas”, ressoava terrivelmente a última consideração que a colega de trabalho completou em seu discurso: “Você chegou agora, é novinha, tem muito o que aprender ainda, depois de um tempo a gente aprende a deixar de ser professor!”

Foi aí que entendi minha escolha: eu seria a professora que nunca tive!¹

O tempo das infâncias: o empoderamento de Cronos e Aion no cotidiano da educação infantil

*Da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas de campos, espaços*

Sampa - Caetano Veloso

¹ Compreensão pessoal, da professora Karen Justo, documentada no livro *Elas e o Chão: narrativas do cotidiano pedagógico*, sobre seu encontro, consigo mesma, em sua docência.

Normatizar o currículo da Educação Infantil é engessar a cotidianidade de práticas, descontextualizar as experiências como atravessamentos que ampliam repertórios e elaboração de hipóteses entre as crianças e por elas mesmas, minimizar a singularidade das crianças em contextos exploratórios.

As reflexões nutridas por Augusto (2013) asseveram a urgência em desvencilharmos do olhar pedagógico intuitivo e efetivarmos o intencional, permeado pela compreensão sobre as interações em sua totalidade. Assim como, seus textos evidenciam uma ferida pedagógica enraizada pelo viés assistencialista.

A jornada da turma tem suas individualizações em processos. Respeitar esse tempo, não cronológico, das crianças em suas experiências, é o fio da urdidura de um currículo construído para e com as crianças, constituído de significatividade, ludicidade e continuidade (BONDIOLI; MANTOVANI, 1998).

Da mesma forma, compreender a singularidade da cotidianidade experienciada e não apenas vivida pelas crianças, enquanto jornada pedagógica, é um caminho para que sejam percebidas as especificidades das infâncias plurais.

A novidade não é mais interessante para a criança do que a continuidade, “a diversidade de experiências é pano de fundo para as elaborações das crianças, mas é a continuidade que promove a exploração, a investigação, a sistematização de conhecimentos e a atribuição de sentido” (AUGUSTO, 2013. p.26).

E esse é um dos pontos mais gritantes das incoerências da docência em percurso, passamos tempos buscando o “novo” enquanto as crianças buscam o “de novo”, evidenciando, dentro desse contexto, as ações rotineiras, robotizadas pelos nossos automatismos pedagógicos.

O que nos remete à instigante afirmação de Prestes (2012), sobre “quando não é quase a mesma coisa”, na justificativa de que uma mudança na tradução de uma palavra pode descortinar compreensões pedagógicas, tornando evidente a particularidade do cotidiano na escola de educação infantil, entre a preciosidade da rotina e as prisões das ações rotineiras, robotizadas pelos automatismos pedagógicos.

As rotinas e os processos do experienciado pelas crianças, em suas descobertas e elaboração de hipóteses entre elas, encorpam as jornadas de aprendizagens (OLIVEIRA – FORMOZINHO, 2007), defendidas pela Pedagogia Participativa, nas quais se configuram no cotidiano junto às crianças em sua totalidade, transformando os dias em vida institucional bem vivida.

Diante da leitura de um precioso texto: “As rotinas: de hábitos estéreis a ações férteis” de Staccioli (2018), sublinho tanto o cotidiano da educação infantil, como divisor do tempo nas infâncias: Cronos e Aion (KOHAN, 2004), quanto uma conexão com as reflexões da tese de Barbosa (2000), nas quais evidencia-se o cotidiano, refletindo uma contraposição à rotina.

É no cotidiano, construído para e com as crianças, no qual os vínculos de aprendizagens são estabelecidos como currículo vivo, orgânico, onde há a possibilidade de encontrar o inesperado, diante de um planejamento pensado nas relações, espaço e tempo, permeado pelo respeito à singularidade das crianças e pluralidade de infâncias, que impera “o extraordinário do ordinário” (Lefebvre, 1984, p. 51).

O texto de Staccioli (2018) levou-me a uma reflexão “deleuzeana” sobre o tempo que adorna as infâncias. Tempo esse que não nos pertence, a nós, adultos, ele é um vácuo imensurável, que pertence somente às crianças em seu brincar. Deleuze chamou Aion de “o não tempo”, exatamente pelo tempo Cronos estigmatizar o cronológico, o rotineiro, o “tic-tac” que rouba sentidos do vivido e experienciado por elas. Aion congela esse momento, transpõe as crianças a uma plenitude de múltiplas linguagens que habitam no tempo do imaginário dessas infâncias.

Estava em uma manhã chuvosa, de um dia de planejamento, avistei uma incansável tentativa de fuga, de uma das salas referências da escola, era uma criança de um ano de idade. Ela relutava e recusava estar “presa” em uma sala física. Eu sorria, mesmo distante, pelas dezenas de tentativas adultas de conter sua pulsão de vida em outra sala (espaço aberto, natureza gritante e potente) que a chamava.

Não consegui desvencilhar-me das reflexões do “não tempo” deleuziano, sobre a delícia do agora imponente, enquanto avistava aquela menina bem pequena, no auge de seu um ano de vida, observando os resquícios das gotículas da chuva, que deixara como lembrança viva

um belo córrego de água em frente a porta da sala de referência de sua turma. Todas as outras crianças de sua turma já tinham sido recolhidas, provavelmente seria a hora do atravessamento do “não tempo”, mas esta menina escapou do impiedoso tempo Cronos. E eu estava lá, guardiã da profundidade da sua pesquisa em movimento.

Acabei por observar todo o envolvimento, do início ao fim, documentado na íntegra, em um vídeo sem cortes e posteriormente registrado *prints* de imagens para compor a narrativa poética tanto do tempo Aion quanto a força do Cronos institucional. Registrei em um Diário de Bordo, com o termo de consentimento de imagens da criança, a pesquisa de Ana Sofia:

As águas de Aion – pelo olhar de Karen Justo

A chuva havia passado, a turma de Ana Sofia já tinha sido acolhida e os familiares já tinham ido embora, mas ela ainda estava curiosa sobre a água.

Figura 1: registro do contexto da mini história, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

E eu, curiosa sobre suas inquietações, seriam elas o barulho das gotas, ou o que lhe causava estranheza era o molhado na pele? Ou o que despertou sua curiosidade foi o córrego de água que emergiu diante de seus pequeninos pés? Ana Sofia ignorou o convite da professora para a sala de referência, algo mais intenso lhe chamou atenção.

Ela não se importou se estava só, sem seus colegas, ela desejava sentir os pés na água, pisou, andou e, sem querer, escorregou. Magoou-se, sentiu raiva do pequeno riacho que roubou seu equilíbrio. Abaixou-se e pegou um punhado de terra, arremessando com fúria contra as águas. Vingou-se!

Figura 2: Ana Sofia caiu. **Figura 3:** Ana Sofia segura areias e pedras. **Figura 4:** Ana Sofia joga as areias e pedras na poça de água.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Mas as águas se vingaram também, prenderam a menina na terra úmida, presa pelos seus próprios dedos, nas entranhas da terra, cheias de pequenas pedras.

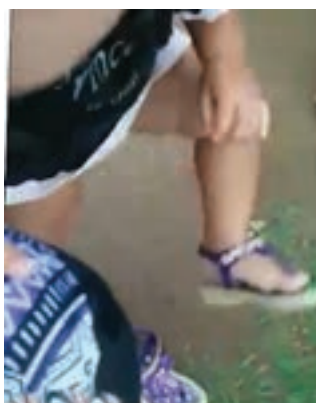
Figuras 5, 6 e 7: registro do contexto da mini história, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

A menina agora não nos pertencia mais. A chuva tinha poderes encantados e nos roubou a pequena. Ela se entregou... retirou suas sandálias e partiu.

Figura 8: registro do contexto da mini história, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

De repente, um novo perigo emerge, Bianca, uma outra criança, surge com o convite das águas. Compartilha do mesmo encanto da Ana Sofia e, nas trocas dos silenciosos olhares e sorrisos, ela também se permite experimentar daquela emergente, e mais convidativa, “sala viva”.

Figuras 9 e 10: registro do contexto da mini história, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

E em um mais que esperado, porém, frenético e encantador, zigzagueado, perdemos esta outra menina para o “não tempo” Aion.

Figura 11, 12 e 13: registro do contexto da mini história, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Até que o convite Cronos, da cozinha, gritou mais alto: o lanche está servido! Que pena!!!

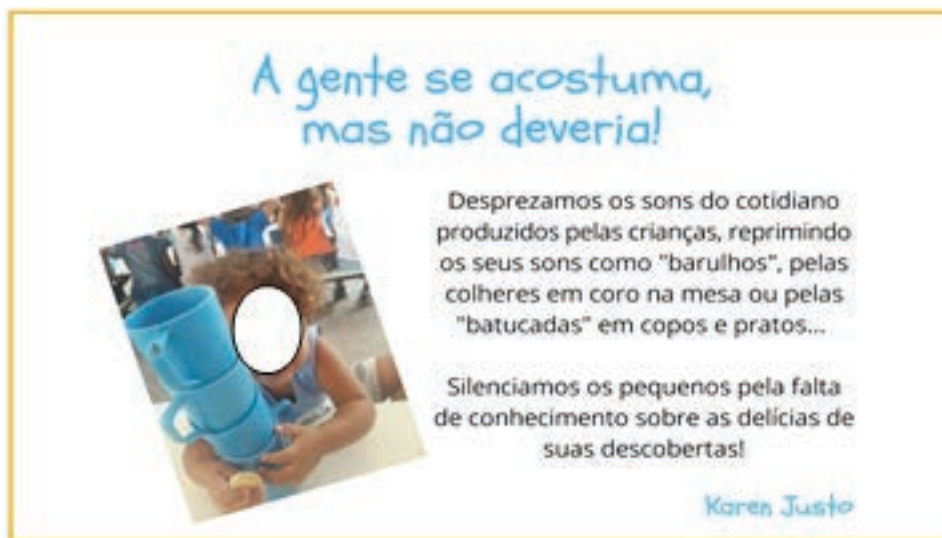
A poética dos gestos inauditos: a curadoria das crianças sobre suas próprias hipóteses

Ainda não havia para mim (...)
A tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Sampa - Caetano Veloso

Fui elencando pontos a serem refletidos sobre automatismos pedagógicos que nos distanciam dos processos criadores das crianças, nos prendendo em rotinas rotineiras, roubando nossa sensibilidade da escuta e do olhar sobre gestos, conhecimentos prévios e processos de aprendizagens das nossas crianças. Um desses comuns silenciadores é o desprezo aos sons do

cotidiano produzidos pelas crianças, nas mesas em suas refeições, reprimindo como “barulhos”, sons das colheres em coro na mesa, batucadas de copos e pratos acompanhados de risadas e gargalhadas eufóricas. Mas interrompemos essa comunicação com a violência simbólica do silenciamento, para que não “atrapalhe” outras turmas.

Figura 14: registro do contexto de um Diário de Bordo, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Dessa forma, partindo da escuta dos interesses da nossa turma, foi confeccionada, em um nosso cubo, uma instalação sonora, com instrumentos que produzem sons com objetos do cotidiano, os “cotidiáfonos”, em que, segundo Judith Akoschky (1988), as crianças passam a diversificar os modos de ação na produção de som, valorizar suas próprias ideias e possibilidades, desfrutar e sentir prazer por suas descobertas individuais e conjuntas e desenvolver a inventividade no uso com a fabricação de instrumentos sonoros simples, dentre outros. E as crianças passaram a ser curadoras de suas obras.

Figura 15: registro do contexto de um Diário de Bordo, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Também passamos a compreender mais sobre a qualidade do tempo perdido enquanto estávamos envolvidos em uma “fábrica de banho”, dividíamo-nos, as educadoras, entre “arrancar” roupas e pitós de cabelo das crianças, enquanto outra profissional enxugaria a fila de crianças que se formava, na ociosidade de um tempo cruel de espera.

Figura 16: registro do contexto de um Diário de Bordo, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Compreender os direitos das crianças nos fez refletir sobre habitação. E entendemos que, habitar o espaço era a subjetividade de estar e ser, de existir e pertencer. Por isso, nosso banheiro, da sala de referência da turma, mesmo bem apertadinho, passou a ser outra ambientação de aprendizagens e prazer, tendo sua cotidianidade visível, nas paredes, em suas marcas de habitação, de forma a possibilitar acolhidas e narrativas sobre o vivido pelas crianças em suas construções de vínculos com o ambiente e com o outro, efetivando o sentimento de pertencimento.

Rompendo o olhar oblíquo

Quando eu te encarei frente a frente
 Não vi o meu rosto
 Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto
 É que Narciso acha feio o que não é espelho
 Sampa - Caetano Veloso

Perceber os direitos e agências das crianças em seus mínimos detalhes fizeram toda diferença em minha postura ética profissional. Elaborei uma estratégia de diálogos documentais para e com os responsáveis das crianças, de forma a não apenas documentar o vivido por elas, mas também envolver o olhar alheio como partícipe de tudo, o que diferenciava um pouco das narrativas poéticas das mini histórias:

Figura 17: registro do contexto de um Diário de Bordo, arquivo da professora autora.



Fonte: acervo pessoal da autora.

Passei a ler e refletir sobre os documentos pedagógicos de Margaret Carr (2012), de Nova Zelândia, sobre as narrativas das crianças, com mais complexidade e desdobramentos por serem histórias de aprendizagem com continuidade. Passei a envolver tanto as crianças quanto os familiares durante o processo de construções dessas narrativas, “não apenas como uma forma de avaliar as crianças, mas também como um meio de fortalecer a capacidade dos profissionais usarem a documentação como uma ferramenta do seu trabalho” (Carter,2010) para acompanhamento das narrativas de aprendizagens:

Figura 18: registro do contexto de um Diário de Bordo, arquivo da professora autora.



Acervo pessoal da professora Karen justo

Fonte: acervo pessoal da autora.

Recomeços: as escritas não finais

*E foste um difícil começo
Afasta o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso
do avesso
Sampa - Caetano Veloso*

O currículo da Educação Infantil não precisa estar descrito num papel para que se perce-

ba a concepção de seus educadores, ele se efetiva no ecoar dos espaços e nas linguagens que estes promovem em convites ou silenciadores. A jornada pedagógica se efetiva na intencionalidade dos educadores ao promoverem ambientações de exploração e pesquisa.

Também pontuo, que fico emocionada ao ver tantas marcas de memórias que serão carregadas para casa em suas roupas, histórias de uma vida institucional bem vivida e já bem compreendida pelos familiares, após tanto envolvimento deles nas experimentações de suas crianças, fazendo parte desse processo também.

Também, é gritante a incompreensão das duas vertentes da formação continuada, quais sejam: ela é um investimento motivacional, é brio, é fruição estética pessoal; assim como, é uma obrigação legal para o exercício da função e construção da identidade institucional.

O que extraímos dessas vertentes é que só se muda de atitudes intuitivas para intencionais quando se estuda e compreende as teorias que suas práticas carregam, porque nenhuma prática está desvinculada de uma teoria.

É urgente a escuta, a observação, diminuir o tempo de espera, o registro e a auto avaliação, porque nós educadores devemos nos avaliar junto às crianças, que nos premiam com suas comunicações gestuais, visuais, orais e corporais, compartilhando e nos revelando segredos da construção dos seus pensamentos.

Para dar qualidade ao registro, de forma a potencializar os processos de documentações é compreender as singularidades plurais das infâncias que habitam as instituições. É priorizar o movimento e descoberta da criança em sua complexidade.

“Criança é corpo em movimento”, isso não é novidade, mas o que isso nos implica? E o que é flexibilidade no planejamento? E como lidar com o imprevisível da “criança corpo em movimento”? Se esses questionamentos não nos inquietam estamos longe do ideal de educadores.

Referências:

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A experiência de aprender na educação infantil**. SALTO PARA O FUTURO – NOVAS DIRETRIZES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Ano XXIII – Boletim 9, JUNHO, 2013 – TV Escola.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por Amor e Por Força: Rotinas na educação infantil**. Campinas: Tese de Doutorado, Faculdade de Educação/ Unicamp, 2000.

BONDIOLI, Anna & MANTOVANI, Susanna. Introdução. In: BONDIOLI, Anna & MANTOVANI, Susanna (Orgs.). **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CARR, M. & LEE, W. (2012). **Learning Stories – Constructing, Learner Identities in Early Education**. SAGE Publications Ltd

CARTER, M. (2010, novembro). **Using “Learning Stories” to strengthen teachers relationships with children**. Exchange, 40-44.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

KOHAN, Walter O. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. In: Lugares da Infância. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LEFEBVRE, Henry. **La vida cotidiana en el mundo moderno**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.